

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2

DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas
ciências humanas

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas
ciências humanas 2 [recurso eletrônico] /
Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-312-5
DOI 10.22533/at.ed.125202008

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I.
Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma tradição, normalmente, pode ser definido como aquilo que se faz por hábito, um legado passado de uma geração para outra. Embora o historiador Hobsbawm tenha chamado atenção em uma obra bastante reconhecida entre historiadores de que as tradições, de maneira geral consistem em retomar “passado histórico apropriado”, em que o senso de continuidade ocupa um valor e uma necessidade centrais, e que, para isso, muitas vezes os diferentes grupos se constituem em torno de falsas noções de continuidade, ou seja, as tradições, podem, muitas vezes serem inventadas, a expressão saberes tradicionais traz consigo um elemento mais amplo do que a noção de continuidade a que nos referíamos acima.

Usualmente, a ideia de saber tradicional é usada para marcar um conjunto de noções e práticas que permeiam as sociedades e grupos e são ligadas, por exemplo, ao reconhecimento de propriedades de plantas, consensos e práticas sociais comuns, valores norteadores que parecem pertencer a uma realidade atemporal, ou seja, estiveram sempre presentes e são reconhecidas por um grande número de pessoas sem ter passado pelo espaço de “validação científica”, que nesse caso, significaria o crivo do método usado pela ciência para chegar em suas conclusões. Isso não significa, que, nos dias atuais não se possa falar de uma espécie de «terreno comum» em que se estabelece um diálogo, uma espécie de entendimento entre as esferas do conhecimento tradicional e do conhecimento contemporâneo, técnico e científico.

Essa troca existe, e é bastante presente, ainda que, nem sempre, essas esferas sejam consideradas de maneira equivalente, uma vez que a “ciência” acaba prevalecendo. Em ciências humanas, nos últimos anos, esse debate se fez cada vez mais presente, dado que o registro, o resgate e o entendimento desses saberes tradicionais sempre esteve na pauta, de uma maneira ou de outra, de seu campo de pesquisa. Nesse caso, o sentido de incompatibilidade não se faz tão presente como em outras tradições científicas. Ainda assim, tem se construído cada vez mais o entendimento de que esse resgate e a ideia de que os saberes tradicionais devam ser pesquisados e referidos, junto com eles chama-se a atenção para que os valores de justiça social, participação popular e sustentabilidade estejam sempre presentes e cada vez mais na pauta do processo de construção dos saberes. Assim, para além de base e fonte, se entende, nas ciências humanas, que há que se dar voz ao saber tradicional, e que o dialogo deste com o conhecimento científico constitui-se enquanto riqueza e multidimensionalidade do mesmo.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE BANCO DE DADOS DIGITAIS: O CASO DA FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO

Gabriel Luiz dos Santos
Maria Celina Pedroso Alves
Yuri de Lira Lucas

DOI 10.22533/at.ed.1252020081

CAPÍTULO 2.....16

A REPRESENTAÇÃO DA VIDA RURAL POR MEIO DA MÚSICA SERTANEJA RAIZ E SUAS TRANSFORMAÇÕES – NAS VOZES DE TIÃO CARREIRO E PARDINHO

Bruno de Caldas Martins
Alessandro Henrique Cavichia Dias

DOI 10.22533/at.ed.1252020082

CAPÍTULO 3.....28

ALTERIDADE, IDENTIDADE E PROTAGONISMO INDÍGENA NO BRASIL E A DISPUTA PELAS TERRAS TRADICIONAIS

Valéria Nogueira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.1252020083

CAPÍTULO 4.....40

AS MULHERES NAS “POESIAS BÍBLICAS” DE DANIEL FARIA

Marcus Mareano

DOI 10.22533/at.ed.1252020084

CAPÍTULO 5.....49

CIBERCULTURA E AS NOVAS NUANCES EM SER NERD

Adriele Cristina Rodrigues
Lucia Helena Vendrusculo Possari

DOI 10.22533/at.ed.1252020085

CAPÍTULO 6.....53

CIDADES SUSTENTÁVEIS: ESTUDO DOS INDICADORES DA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB

Juliana Moraes da Silva Souza
Erbenia Lourenço de Oliveira
Heverton Felinto Pedrosa de Melo

Marucelle de Alcântara Bonifácio

DOI 10.22533/at.ed.1252020086

CAPÍTULO 7.....74

CIRCULARIDADE, FOGO DOMÉSTICO E CRIANÇA KAIOWÁ: O CAMINHAR DAS CRIANÇAS PELA ALDEIA LARANJEIRA ÑANDERU

Jéssica Maciel de Souza

Tania Milene Nugoli Moraes

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

DOI 10.22533/at.ed.1252020087

CAPÍTULO 8.....85

COOPERATIVISMO E POLÍTICAS PÚBLICAS: A COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES DE VINHO DE JUNDIAÍ (AVA) NO ÂMBITO DO PROJETO MICROBACIAS II

Tamires Regina Rocha

Alan da Silva Vinhaes

DOI 10.22533/at.ed.1252020088

CAPÍTULO 9.....97

DO IMPRESSO AO DIGITAL: O USO DE NOVAS MÍDIAS PARA INFORMAR E ORIENTAR CONSUMIDORES

Solange de Fátima Wollenhaupt

Lúcia Helena Vandrúsculo Possari

DOI 10.22533/at.ed.1252020089

CAPÍTULO 10.....106

FROM THE TERRITORY TO THE CYBER SPACE: THE SEARCH FOR THE SYMBOLIC CAPITAL OF THE MISAK INDIGENOUS

Jennifer Paola Pisso Concha

Mário Cezar Silva Leite

DOI 10.22533/at.ed.12520200810

CAPÍTULO 11.....111

EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS E SUAS INTERFACES COM A VALORIZAÇÃO DA MULHER NO TRABALHO ASSOCIATIVO: O CASO DA ECOLANCHES

Heverton Felinto Pedrosa de Melo

Marucelle de Alcântara Bonifácio

Juliana Moraes da Silva Souza

Erbenia Lourenço de Oliveira

Mariéli Barbosa Cândido

DOI 10.22533/at.ed.12520200811

CAPÍTULO 12.....	123
ESPAÇO RURAL NO PLANO PLURIANUAL (2008/2011) DA BAHIA: AVANÇOS E CONTRADIÇÕES NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DISCURSO DO GOVERNO DO ESTADO	
Adelmo Santos da Silva Vanessa da Silva Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.12520200812	
CAPÍTULO 13.....	132
FAZENDA GUATAPARÁ: O BERÇO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO ESTADO DE SÃO PAULO	
Denise Cristina Rosario Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.12520200813	
CAPÍTULO 14.....	145
MÍDIA E CAMPANHA DA FRATERNIDADE, CAMINHO PASTORAL PARA A JUSTIÇA E A PAZ	
Leila Maria Orlandi Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.12520200814	
CAPÍTULO 15.....	154
O CANTO DE CLEMENTINA DE JESUS: UMA APRESENTAÇÃO SINCRETICA ENGAJADA MANIFESTADA A PARTIR DA DÉCADA DE SESSENTA	
Terezinha do Socorro da Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.12520200815	
CAPÍTULO 16.....	173
O PAPEL E AS CARACTERÍSTICAS DA AGRICULTURA URBANA EM PORTO FERREIRA-SP	
Alan da Silva Vinhaes Tamires Regina Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.12520200816	
CAPÍTULO 17.....	185
SOLIDARIEDADE COMO PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO PASTORAL E ECLESIAL	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.12520200817	

CAPÍTULO 18.....194

UMA RELAÇÃO DIVINA E CULTURAL ATRAVÉS DA PRÁTICA DO JONGO: MEMÓRIA DE UMA ANCESTRALIDADE DA CANTORA CLEMENTINA DE JESUS

Terezinha do Socorro da Silva Lima

Ana Maria Cavaleiro de Macedo Bragança

DOI 10.22533/at.ed.12520200818

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....209

ÍNDICE REMISSIVO.....210

CAPÍTULO 17

SOLIDARIEDADE COMO PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO PASTORAL E ECLESIAL

Data de aceite: 01/08/2020

Matheus da Silva Bernardes

Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (atual Faculdade de Teologia da PUC-SP); atualmente doutorando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e professor do programa de Antropologia Teológica da PUC-Campinas.

RESUMO: O presente trabalho retoma a ideia de *solidariedade cristã* apresentada por J. Sobrino e verifica se ela não pode ser introduzida como categoria de organização pastoral e, até mesmo, eclesial. Os desafios da atualidade são imensos; parecera que o centro da atividade eclesial já não está no anúncio do Reino de Deus aos mais pobres (Lc 4,18), mas a manutenção das estruturas eclesiais. Para que a pastoral e a própria Igreja não percam sua relevância no século XXI é fundamental recolher aquilo que o Documento de Aparecida (365-372) já mencionou e que Francisco, em seu Pontificado (EG 15), tem insistido: não basta uma pastoral de manutenção; uma decidida pastoral missionária é urgente. Não seria a solidariedade um caminho possível que incentive a conversão pastoral e eclesial almejada? O trabalho foi apresentado no VII Colóquio de Teologia e Pastoral realizado pela FAJE, PUC-Minas e ISTA, em maio de 2019, na cidade de Belo Horizonte. Também se encontra publicado nos anais do evento.

PALAVRAS-CHAVE: Solidariedade, J. Sobrino, Pastoral, Igrejas Particulares.

SOLIDARITY AS PRINCIPLE OF PASTORAL ORGANIZATION AND ECCLESIAL ORGANIZATION

ABSTRACT: This paper recollects the idea of *Christian solidarity* presented by J. Sobrino and verifies if it cannot be introduced as category of pastoral, and even eclesial, organization. The challenges of the present days are huge; it seems the center of eclesial activity is not anymore, the preaching of God's Kingdom to the poor (Lk 4,18), but the maintenance of Church structures. It is fundamental to the Church to take over what is already meant on Aparecida's final document (365-372) and what Pope Francis stresses: a maintenance pastoral care is not enough (EG 15); a missionary pastoral care is urgent. Would not be solidarity a possible way to achieve the desired pastoral and eclesial conversion? This paper was presented at the 7th Colloquium of Theology and Pastoral organized by FAJE, PUC-Minas and ISTA, in Mai 2019, in Belo Horizonte. It was also published on its annals.

KEYWORDS: Solidarity, J. Sobrino, Pastoral Care, Churches.

1 | INTRODUÇÃO

No capítulo terceiro da Epístola aos Colossenses, lê-se: "Suportai-vos uns aos outros" (Cl 3,1). Inspirado pela ideia, J. Sobrino escreveu um artigo sobre a solidariedade cristã, publicado originalmente no periódico *Estudios Centroamericanos*, em 1982, e posteriormente recopilado no livro *El principio-misericordia: bajar de la cruz a los pueblos crucificados*, em 1992. A intenção original do autor era justificar o giro de compreensão da

própria Teologia já não só como *intellectus fidei*, mas como *intellectus amoris*. Nesse sentido, a solidariedade emerge no horizonte da reflexão teológica como categoria epistemológica fundamental para a promoção da mudança citada: a *Teo-logia* não é produto de um esforço teórico, mas fruto de uma práxis.

A solidariedade deve ser entendida a partir da realidade dos empobrecidos. Não se trata de qualquer realidade, mas da realidade histórica mais urgente do século passado. Por mais que se tenha tentado – e ainda se tenta – encobrir essa realidade, sua manifestação é a verdade mais real como apresenta o autor espanhol radicado em El Salvador. A realidade dos empobrecidos não seria também determinação para o entendimento teológico e cristão da solidariedade?

Quando se afirma que a *Teo-logia* é fruto de uma práxis, está se referindo a uma muito concreta: a práxis libertadora de Jesus de Nazaré que viveu em solidariedade com as mulheres e os homens de seu tempo, principalmente os empobrecidos e marginalizados. Precisamente a partir de Jesus, a solidariedade pode ser compreendida não só como um movimento social de inclusão, mas como um movimento *teo-logical*, isto é, o movimento de Deus que se aproxima da humanidade empobrecida.

Outra grande motivação tida pelo autor para escrever seu artigo foi a solidariedade experimentada pela Igreja de El Salvador nos anos 70, 80 e 90 do século passado. Ele até chega a formular essa experiência concreta como *forma fundamental* de as igrejas se relacionarem. O conhecimento da dura realidade vivida pelas cristãs e cristãos salvadorenhos, especialmente a perseguição, a tortura e a morte, motivou igrejas de diversas latitudes a realizar ações concretas em seu favor. Em todo esse esforço solidário foi possível identificar a catolicidade da Igreja, inclusive mais: foi possível verificar que a universalidade da Igreja se decide histórica e particularmente nas ações solidárias das diversas comunidades.

Mais um fato importante que o autor destacou foi a que a ajuda oferecida às cristãs e aos cristãos de El Salvador não foi um movimento unidirecional, isto é, somente dar. Tratou-se de um dar e receber mutuamente; aqueles que, em primeiro lugar davam, também recebiam nova força para perseverar na esperança no Deus de Jesus Cristo, que quer a vida e não a morte do ser humano.

2 | OS DESAFIOS DA ATUALIDADE

Seria uma pretensão muito grande querer compreender todos os desafios para a evangelização na atualidade em um breve apartado. Contudo, a intenção principal desta reflexão não é apresentar os inúmeros desafios, mas o que – segundo uma modesta opinião – está à base de todos eles. Trata-se, portanto, de um esforço mais bem sistemático para encontrar a origem daquilo que tem emperrado o processo da Pastoral e até da própria Igreja na atualidade.

Diante de uma ambição crescente de produzir subsídios que respondam às diversas necessidades das comunidades eclesiais, talvez se tenha esquecido do fundamental: a práxis. Tanto a Teologia como a Pastoral – portanto, a Igreja – devem cultivar conscientemente a castidade intelectual, isto é, o não saber é necessário para saber de Deus (SOBRINO, 1994, p. 232). Todas as vezes em que se pensa ter chegado à *panaceia* teológica, pastoral ou eclesial, no fundo que está se fazendo é não dar espaço para que Deus seja Deus e o

ser humano, humano. A práxis, não obstante, dá espaço para esse não saber que exige abertura à gratuidade e ao mistério.

Seria um equívoco pensar que a raiz dos desafios da realidade seja somente de ordem material; é também uma problemática formal. Não é tanto a pergunta pelo “quê”, mas pelo “como” os desafios podem ser captados e devidamente respondidos. A pergunta pela realidade, sobretudo tal como ela se manifesta, não pode ser deixada de lado.

É conhecida a influência do pensamento de X. Zubiri no pensamento teológico, especialmente no pensamento de teólogos latino-americanos. Vale destacar a tríade intelectual elaborada por I. Ellacuría a partir da filosofia zubiriana:

Se conoce la realidad cuando además de hacerse cargo de ella (momento noético) y de cargar con ella (momento ético), uno se encarga de ella (momento práxico). (SOBRINO, 1989, p. 292)¹

Diante dessa exigência que a realidade impõe para a inteligência, logo para a reflexão teológica e pastoral, é essencial saber qual é o *fato maior* da atualidade que permitirá a organização da Pastoral e, também, da própria Igreja. Nesse sentido, vale a pena voltar ao pensamento de J. Sobrino e se perguntar se o *fato maior* da Teologia da Libertação por ele apresentado continua sendo o mesmo da atualidade.

O autor afirma que a irrupção massiva da pobreza na América Latina no século passado foi, sem sombra de dúvidas, o *fato maior* para a Teologia da Libertação. Todo o sofrimento das mulheres e homens empobrecidos, mas ao mesmo tempo toda a sua esperança se convertera em palavra de realidade que não pode ser silenciada, não pode ser ocultada (SOBRINO, 1994, p. 49).

Esse *fato maior* não se tornou somente o começo cronológico da Teologia da Libertação e dos movimentos libertários: é o começo lógico de todo esse processo, além de ser guia e inspiração que o orienta à sua finalidade (SOBRINO, 1994, p. 49). Foi um esforço que se converteu em círculo hermenêutico: *historizar* para *teologizar* e *teologizar* para *historizar* (SOBRINO, 1996, p. 101). A realidade histórica concreta se converte em mediação para a reflexão teológica e pastoral; não há caminho melhor para captar a realidade do Crucificado que se aproximando dos povos crucificados (SOBRINO, 1999, p. 418).

Pensar a partir da realidade dos empobrecidos, de seu sofrimento e sua esperança é a aceitação dessa realidade como sinal dos tempos, além de ser coerente com a Revelação e promove mais vida cristã (SOBRINO, 1999, p. 289). Este é o momento da conversão da *teo-logia* em *teo-práxis*; não é possível permanecer indiferente diante do sofrimento, é preciso fazer algo. Como não *re-agir* diante da privação de identidade de tantos, da negação da vida e, finalmente, da morte lenta e, não poucas vezes, violenta dos mais necessitados?

Poder-se-ia pensar que a reflexão acima estaria incorrendo no perigo de reduzir o ponto de partida da Teologia, da Pastoral e de toda atividade da Igreja em uma mera análise sociológica. De fato, não faltou essa acusação contra teólogos da Libertação. Contudo, a práxis não é iniciativa humana, em primeiro lugar; a práxis é iniciativa de Deus que se aproxima, definitivamente, da humanidade empobrecida e sofredora em Jesus de

1. Conhece-se a realidade quando além de acolhê-la (momento noético) e carregá-la (momento ético), também se encarrega – se faz responsável – por ela. Tradução do autor.

Nazaré. E a *práxis histórica* de Jesus de Nazaré se tornou mediação cognitiva que permite tanto Teologia, como Pastoral aprender a *ser como Deus* e a *fazer como Deus* (SOBRINO, 1999, p. 340).

Ampliando o horizonte da discussão, não seria essa *re-ação* de Deus em Jesus de Nazaré a *norma normans* da Teologia e da Pastoral? A solidariedade de Deus para com o que não era Deus, isto é para a *sárx* débil e frágil do ser humano, não é a linha mestra de toda ação eclesial? O fato de que Deus se aproxima daquilo que lhe é diferente, daquilo que é outro, não deve se converter no princípio fundamental de reflexão teológico-pastoral (SOBRINO, 1999, p. 362 e 372)?

3 | A SOLIDARIEDADE CRISTÃ

A situação vivida pela Igreja de El Salvador, no final da segunda metade do século passado, permitiu o surgimento de um novo fenômeno de solidariedade entre as igrejas – não só católicas, mas também igrejas cristãs de diversas denominações (SOBRINO, 1994, p. 214). O fenômeno foi estudado por J. Sobrino na análise teológica sobre a solidariedade cristã.

Não se tratou somente da descrição de um novo fenômeno, mas um verdadeiro estudo que permitiu o aprofundamento e o melhor entendimento da solidariedade e constatou que ela não se manifesta somente em ações delimitadas, mas é uma atitude verdadeira e autenticamente cristã (SOBRINO, 1994, p. 213).

A solidariedade cristã tem sua raiz em uma realidade objetiva histórica e eficaz: *“a realidade de miséria, opressão e injustiça em que vivem milhões de seres humanos”* (SOBRINO, 1994 p. 217). Exatamente, pelo *des-cobrimto* dessa realidade coberta, pelo *des-velamento* dessa verdade muitas vezes velada cristãs e cristãos, seja em El Salvador como em outras partes, se viram desafiados a uma resposta eficaz e urgente: não era possível que a realidade de milhões de seres humanos permanecesse invisível aos olhos das igrejas.

Pode-se dizer que esse novo fenômeno em torno da solidariedade cristã teve uma origem genética: a perseguição de cristãs e cristãos em El Salvador (SOBRINO, 1994, p. 217-219). Ao acolher o clamor da Segunda Conferência do Episcopado Latino-americano, realizada em Medellín em 1968, a Igreja de El Salvador se colocou ao lado dos mais pobres e se tornou solidária com eles (Pobreza da Igreja, n. 8). Inclusive, é possível dizer mais: não se tratou somente de um movimento na Igreja de El Salvador, mas em toda a Igreja da América Latina que encontrou a confirmação de sua opção na Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em Puebla em 1979:

Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção. (Puebla, n. 89)

A aparição histórica da solidariedade cristã diante na situação vivida em El Salvador e em outros países da América Latina, no século passado, supera toda compreensão a

priori de solidariedade. Essa mediação cognitiva histórica e real mostra que a verdadeira solidariedade não está em formar uma aliança para defender interesses próprios, mas em se colocar completamente à disposição do outro e preservar o seu interesse, como é possível ler na belíssima passagem do Bom Samaritano no Evangelho segundo Lucas (Lc 10,25-37). Trata-se de uma noção *a posteriori* da solidariedade cristã apreendida a partir dessa situação.

O samaritano que passava pelo caminho e se deteve para cuidar daquele homem que caiu nas mãos dos assaltantes não tinha outra motivação que simplesmente seu bem. Não estava preocupado em cumprir nenhum preceito da lei, nem mesmo fazer *o que devia fazer*, ele o fez por pura misericórdia e bondade. Essa atitude do personagem da parábola permite aos leitores do Evangelho identificá-lo com o próprio Jesus que não *re-agia* diante das limitações alheias para cumprir a Lei, mas por puro amor (SOBRINO, 1994, p. 34).

3.1 A solidariedade cristã como princípio de organização pastoral

Novamente ampliando a reflexão, é preciso voltar o olhar para a realidade atual e se perguntar até que ponto a perseguição pode ser motivação, hoje, para a solidariedade entre cristãos e cristãs, entre comunidades e até mesmo entre igrejas particulares. Contudo, como já foi possível constatar, a solidariedade cristã não é só um movimento pontual e delimitado pela contingência de um devir histórico. Trata-se do movimento do próprio Deus, em Jesus de Nazaré, que se aproxima da humanidade pecadora e empobrecida.

Não há ato solidário maior que o fato de a Palavra (*logos*) ter se feito carne (*sárx*), ter se feito algo que, por essência, lhe é alheio, lhe é outro (SOBRINO, 1994, p. 222). Ao mesmo tempo, não há ato mais gratuito e bondoso que a participação total de Deus no destino humano, chegando até o extremo de uma morte violenta.

Na história de Jesus de Nazaré irrompeu, de forma inusitada e insuspeita, a grande solidariedade entre Deus e a humanidade empobrecida. Essa realidade pode ser conhecida pela sua vida, especialmente porque ele aprendeu a confiar em Deus que é Pai, mas que também lhe é obediente porque permanece um mistério (SOBRINO, 1996, p. 203-207 e 215-216).

Com isso, Jesus não revela somente quem é Deus, mas também quem é o ser humano e seu chamado para se relacionar com Deus. O ser humano, em Jesus de Nazaré, já não pode manipular mais a Deus, mas é convidado a se entregar (*fides qua*) à sua vontade e essa é uma só: que o ser humano viva, parafraseando Irineu de Lyon (SOBRINO, 1999, p. 427). Portanto, todo projeto humano para que seja verdadeiramente humano deve incluir a preservação da vida mínima de toda mulher e homem ao longo da história (SOBRINO, 1996, p. 131-134).

Seria reducionista afirmar que a Igreja é um projeto meramente humano, afinal de contas ela só subsiste ao longo da história graças à ação do Espírito Santo. Entretanto, não se pode esquecer de que a Igreja prolonga em suas ações, especialmente na ação pastoral, a práxis de Jesus Cristo. Ele não apontou somente para o final da história (salvação escatológica), mas realizou milagres e expulsou demônios, o que não expressou outra coisa senão a realidade de que o Reino de Deus estava próximo (Mc 1,15); soube acolher e fazer refeição com os pecadores; colocou-se em defesa dos pobres e marginalizados, principalmente aqueles que eram marginalizados pela religião dos judeus (SOBRINO, 1996, 135-152); e se solidarizou com as vítimas deste mundo ao ser morto em uma cruz

(SOBRINO, 1996, p. 363-364). Jesus mostrou em sua vida que a salvação, sim, pode ser uma realidade imediata aos seres humanos (salvação histórica).

Logo, a solidariedade especialmente aquela revelada em Jesus de Nazaré é *norma normans*, como já mencionou, da ação pastoral da Igreja. Quais seriam as pistas para uma organização pastoral solidária?

Muitas vezes, existe a tentação de reduzir a solidariedade somente à ação das pastorais sociais emergenciais, como as pastorais que realizam um serviço assistencial – e necessário – a mulheres e homens que se encontram em situação de risco social: menores abandonados, moradores em situação de rua, doentes terminais, usuários de álcool e drogas, famílias desamparadas, entre outros.

Contudo, não se deve entender a solidariedade como movimento de direção única: não se trata somente de um dar, mas um dar e receber mutuamente. Logo, o olhar solidário verdadeiro para todos aqueles que vivem em uma situação de risco social – portanto, realmente empobrecidos – também desperta nos membros da Igreja um ardor e uma esperança renovados.

A organização de uma pastoral que tem a solidariedade como princípio não estima somente o resultado numérico de suas ações, uma grande tentação na atualidade. Foca, sobretudo, na conversão para o outro: em primeiro lugar, para o Outro divino que se revelou em Jesus Cristo e para o outro que é irmã e irmão, porém a irmã e o irmão que são empobrecidos (EG 48).

A irrupção dos pobres na vida da Igreja e a solidariedade para com eles não deve ser vista unicamente como imperativo ético, trata-se próprio do mandato missionário com o qual o próprio Jesus enviou seus discípulos e, portanto, sua Igreja (Mc 16,15). A solidariedade para com os demais, especialmente para com os mais necessitados e pobres expressa o ser missionário da Igreja (SOBRINO, 1994, p. 228-230). Assim, a Igreja se assemelha a seu Senhor que também foi enviado em missão ao mundo para anunciar a boa-nova aos pobres, a libertação aos cativos e o ano da graça do Senhor (Lc 4,18-19).

A permanência da solidariedade na Igreja não se dá somente pelo fato de que ainda há cristãs e cristãos perseguidos, mas pela própria missão da Igreja no meio do mundo. O mandato missionário, como já se mencionou, se vê na solidariedade de uns para com outros, se vê na verdadeira conversão para a alteridade independentemente do quão diferença ela seja.

Nesse sentido, a organização da pastoral da Igreja deve favorecer as estruturas missionárias e não somente as de manutenção, como insiste o Documento da Conferência de Aparecida (Aparecida, n. 370) e o Papa Francisco (EG 15). A conversão missionária da Igreja, anseio profundo de Francisco, não se expressará somente nas empresas missionárias *outré mer*, mas em todas as ações pastorais diárias das cristãs e cristãos, especialmente aquelas que permitam o profundo encontro com pobre.

3.2 A solidariedade cristã como princípio de organização eclesial

Já foi apresentado acima, a origem genética da solidariedade na Igreja de El Salvador se deu quando igrejas católicas e cristãs de diversas denominações assumiram como próprios os desafios enfrentados pelas cristãs e cristãos desse país centro-americano (SOBRINO, 1994, p. 217-219).

Contudo, como remarca muito bem J. Sobrino, a solidariedade não deve ser

compreendida exclusivamente a partir dessa origem genética, mas a partir da própria revelação de Deus em Jesus de Nazaré: Deus se solidarizou com a humanidade empobrecida. A solidariedade, portanto, é um movimento *teo-logical* e, também, deveria ser um movimento *eclesial* (SOBRINO, 1994, 226-228).

Ao afirmar que a organização da Pastoral deve se orientar por essa solidariedade primigênia – a solidariedade de Deus para com as mulheres e os homens em Jesus de Nazaré – está se sublinhando que as estruturas pastorais da Igreja favoreçam o descentramento das cristãs e cristãos para que possam, nas palavras de Francisco, sair de si mesmo e se encontrar com o outro (EG 179). Trata-se, portanto, de uma pastoral missionária por excelência.

Entretanto, com essa afirmação também nasce a pergunta pela organização da própria Igreja. Essa organização favorece a missionaridade ou está mais bem focada na manutenção de si mesma? Como deveriam ser as estruturas eclesiais para que a missionaridade prevaleça?

Possivelmente, a resposta já seja intuída pelo recorrido até o momento: uma Igreja missionária, que se ocupa com a Evangelização e a realização do Reino (SOBRINO, 1994, p. 229), deve ser uma Igreja solidária. Contudo, essa solidariedade não pode se restringir somente à boa vontade; é preciso que as estruturas não só da Igreja Universal, mas das igrejas particulares se mostrem solidárias.

Não são poucos os exemplos das assim chamadas “igrejas-irmãs” – igrejas particulares que se manifestam solidárias para com outras enviando ajuda pessoal e material (Aparecida, 182). Há mais que boa vontade: há projetos concretos de envio de missionárias e missionários, planos de arrecadação de fundos e construção de templos, centros pastorais e dispensários. Nota-se que a via do dar é ampla e estimula muito as ações de diversas igrejas particulares mais abastadas.

Entretanto, vale a pergunta: será que o entusiasmo ao dar é o mesmo ao receber? Não se pode esquecer de que a solidariedade cristã é um caminho de mão dupla: dar e receber. O que, infelizmente, se vê – e não são poucos os casos – que igrejas particulares, que possuem abundância, têm se empenhado muito para enviar ajuda para igrejas particulares empobrecidas, mas não se verifica o mesmo empenho para acolher o que vem dessas comunidades – a via do receber.

Ao oferecer ajuda, uma igreja particular também deve estar aberta para acolher a Boa-nova daqueles que recebem essa ajuda. Ainda mais: ao acolher essa Boa-nova carregada de ardor e esperança, a igreja particular que envia a ajuda se renova e não se torna uma mera provedora de bens para uma comunidade menos favorecida.

Porém, essas iniciativas para fora de uma igreja particular também deveriam se converter em ações concretas dentro dessa mesma igreja. Não são poucos, os tristes casos em que dentro de uma mesma igreja particular há comunidades que vivem na abundância e outras que mal possuem o mínimo.

Quando se fala em solidariedade dentro das estruturas eclesiais, o desafio é grande. Em primeiro lugar, é preciso que a ajuda entre as igrejas aumente sempre mais. Em segundo lugar, não se deve pensar que uma igreja só dá; ela recebe – e muito – daquela que é destinatária do apoio solidário. Em terceiro lugar, não se pode pensar em solidariedade somente entre as igrejas particulares ou até mesmo entre as igrejas de territórios ou nações;

é preciso enxergar que dentro de uma igreja particular há comunidades que anseiam pela ajuda solidária de comunidades mais abastadas e, ao mesmo tempo, estão dispostas a partilhar daquilo que lhes é mais próprio: a alegria da fé e do seguimento de Jesus.

4 | CONCLUSÃO

“Suportai-vos uns aos outros”, se lê no primeiro versículo do capítulo terceira da Epístola aos Colossenses. Pensa-se com frequência que o significado do verbo “suportar” vai na linha de aturar, aguentar; porém, seu significado se direciona mais por dar suporte, dar ajuda, estender o braço.

Assim, deve se entender a solidariedade apresentada pelo Documento de Aparecida, ainda que em uma perspectiva mais social chegando inclusive a falar de uma “globalização da solidariedade” (Aparecida, 406). A solidariedade cristã estudada por J. Sobrino e por este breve trabalho se refere ao suporte mútuo das cristãs e cristãos, das comunidades e das igrejas particulares como princípio estruturante da Pastoral e da própria Igreja, como também é apresentada em Colossenses.

Dar suporte material e pessoal para receber suporte na fé e esperança, na alegria e entusiasmo do seguimento de Jesus Cristo. Nos dias de hoje, não são poucas as queixas dos ministros ordenados da Igreja que têm diante de si comunidades cansadas e envelhecidas, mesmo gozando de fartura material.

Não seria a hora de se voltar para comunidades mais pobres, mais jovens e, até mesmo, mais “inexperientes” para que se produza uma renovação? Não seria o momento de os Pastores se abrirem a realidades que lhe são alheias e acolher essas realidades em suas próprias igrejas particulares? Não seria oportuno não só oferecer ajuda, mas também acolher no seio das comunidades aqueles que recebem ajuda para que possam oferecer sua vida de fé?

Solidariedade cristã, portanto, não é um fenômeno que surgiu somente em uma situação de perseguição de cristãs e cristãos em El Salvador na segunda metade do século passado. Solidariedade cristã, ou nas palavras da Epístola aos Colossenses, suporte mútuo é o jeito mais próprio de agir da Pastoral e de ser da Igreja.

AUTORIZAÇÃO/ RECONHECIMENTO

Ao submeter o trabalho, o autor torna-se responsável por todo o conteúdo da obra.

REFERÊNCIAS

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Conclusões da Conferência de Puebla*. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*, 7ª edição, São Paulo: Paulus, 2008.

PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 1. Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SOBRINO, J. Como fazer Teologia. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v.21, n. 55, p. 285-303, set/dez 1989.

_____. *O princípio misericórdia – descer da cruz os povos crucificados*. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas*. 1ª edición. San Salvador: UCA Editores, 1999.

ÍNDICE

A

Acervo Histórico 1, 142
Aerofotogrametria 1, 4, 7, 9, 10

B

Bíblia 40, 42, 44, 46, 47, 48

C

Capital Simbólico 52, 106
Cartografia 1, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 15
Cibercultura 49, 50, 51, 52, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 110
Ciberespaço 49, 50, 99, 102, 105, 106, 110
Cidades Sustentáveis 53, 56, 57, 60, 62, 63, 67, 70, 71, 72
Circularidade 74, 75, 78, 80, 84
Consumo 52, 55, 58, 59, 60, 63, 64, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 114, 116, 136, 137, 177, 179
Criança Kaiowá 74, 84

D

Daniel Faria 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48
Desenvolvimento Local 63, 111, 113, 118, 120

E

Economia Solidária 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 180, 183
Educação 31, 39, 52, 59, 61, 66, 69, 84, 97, 98, 105, 115, 122, 150, 154, 171, 172, 194, 196, 209
Educação Online 97, 98, 101, 104, 105
Estado 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 13, 15, 24, 29, 34, 61, 71, 74, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 100, 115, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 140, 142, 149, 154, 171, 176, 183, 194, 197, 206

F

Fogo Doméstico 74, 75, 76, 77, 80, 81, 84

G

Geoprocessamento 1, 7, 14

I

Indústria Fonográfica 16, 18, 26
Interatividade 49, 50, 51, 97, 98, 99, 102, 104

J

João Pessoa 53, 54, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 111, 113, 115, 117, 121, 122

L

Laranjeira Nãnderu 74, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 84

M

Master Nerd 49, 51

Mídias Digitais 97, 98, 101, 106

Mística 40, 42

Mulher 20, 21, 23, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 111, 113, 116, 117, 118, 121, 166, 171, 189

Música Sertaneja 16, 17, 18, 25, 26, 27

N

Nerd 49, 50, 51, 52

O

Ods 53, 54, 56, 60, 62, 67, 68, 69, 70, 72

P

Poesia 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 198

Política Indigenista 28, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 38, 39

Políticas Públicas 54, 73, 85, 86, 87, 90, 95, 96, 101, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 121, 146, 148, 149, 150, 173, 174, 175, 176, 181, 182, 183

Produção de Sentidos 97

Produtores Culturais 106

Projeto 1, 4, 9, 31, 32, 36, 37, 38, 57, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 103, 115, 116, 141, 173, 183, 184, 189, 195, 197, 198, 206

Protagonismo Indígena 28, 29, 30, 31, 35, 36, 38

R

Relações 4, 28, 29, 30, 40, 41, 49, 61, 69, 72, 74, 75, 78, 80, 82, 83, 98, 99, 102, 113, 115, 119, 120, 129, 133, 138, 140, 154, 160, 166, 171, 176, 177, 180, 194, 200

Representação 4, 5, 16, 18, 21, 26, 30, 50, 159, 172, 175, 195, 196, 199, 200, 203, 207

S

Sensoriamento Remoto 1, 6, 8, 10, 14

Sustentabilidade 53, 54, 55, 56, 57, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 88, 113, 114, 116, 180

T

Terra 5, 6, 7, 18, 25, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 54, 55, 58, 59, 65, 68, 69, 72, 75, 83, 84, 101, 105, 126, 128, 141, 142, 151, 155, 161, 165, 170, 175, 177, 178, 182

Tião Carreiro e Pardino 16, 17, 19, 24, 25, 26

V

Valorização da Mulher 111

Vida Rural 16, 18

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 